

Isso não é um Atleta **A representação midiática do atleta paralímpico e suas implicações¹**

Tatiane Hilgemberg

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Os meios de comunicação desempenham um papel importante no processo de socialização por disseminar valores, ideologias e crenças que têm impacto sobre as representações sociais de alguns grupos. Assim sendo, a mídia é fundamental na representação das pessoas com deficiência, podendo promover ou contrariar os estereótipos dominantes. Assumindo que há uma ligação entre o esporte e a origem e funcionamento da sociedade vigente, e considerando que a mídia é parte indissociável desta sociedade, pensamos ser possível afirmar que os meios de comunicação influenciam na construção das representações sociais dos atletas paralímpicos. É neste contexto que pretendemos compreender de que forma é construída a figura do atleta paralímpico pela imprensa, levando-se em consideração o contexto histórico-social desta comunidade, e de que forma esta representação é recebida, entendida e interpretada pelos próprios atletas.

Palavras-chave

Atleta Paralímpico; Representação; Mídia

1. Introdução

Diariamente somos bombardeados por informações, que tentam, de uma forma ou de outra, criar, mudar ou cristalizar atitudes ou opiniões nos indivíduos (ALEXANDRE, 2001). É o que McLuhan (1969) chamou de mundo retribalizado, onde as pessoas passam a ser constantemente massacradas por inúmeras e variadas informações, vindas de todas as partes do mundo. Sabendo que a mídia atinge simultaneamente uma vasta audiência em um curto espaço de tempo, facilmente

¹ Trabalho apresentado no I Fórum de Pesquisas em Comunicação, Esporte e Cultura, evento componente do I Seminário Internacional do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte.

compreende-se a importância que assume, ocupando um lugar central no funcionamento social.

Numa sociedade influenciada pelos meios de comunicação, estes podem ter um grande impacto em nosso conhecimento e atitude acerca das pessoas com deficiência. Por lidarem com a produção, reprodução e disseminação de informação que fundamentam a compreensão de grupos sociais – visão social e autoimagem –, a mídia se tornou um instrumento chave na divulgação e criação de representações sociais. Dessa forma percebemos a importância dos meios de comunicação em relação às pessoas com deficiência, pois a pouca informação e contato de que dispomos sobre a questão da deficiência advém da mídia (PEREIRA, 2008), dando a ela, portanto, o poder sobre o tipo de informação veiculada e os estereótipos associados.

(...) os discursos jornalísticos tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro; e é com eles, vale dizer, que construímos os nossos modos de compreender e ver o mundo, visões que tecem nossa percepção do outro e nossa maneira de lidar com o diferente ou o semelhante (RESENDE, 2007).

O esporte para pessoas com deficiência promove um contexto que pode influenciar significativamente o entendimento social da deficiência, devido ao potencial disruptivo (DEPAUW, 1997; HARGREAVES, 1994, 2000; HOWE e JONES, 2006) gerado pela tensão percebida entre deficiência e prática esportiva de elite (BRITAIN, 2004). Os Jogos Paralímpicos assumiram-se, então, como corolário e expoente máximo do desporto adaptado com um número crescente tanto de países como de atletas participantes em cada edição.

Tais competições olímpicas adaptadas às pessoas com deficiência, até pela sua dimensão, têm conseqüentemente, merecido um incremento em termos da atenção midiática. Porém, ao se analisar a atuação da mídia no sistema de representações e discursos referentes ao atleta com deficiência, percebe-se que esta geralmente retrata essas pessoas de forma irreal e estereotipadamente. Schell e Duncan (1999), por exemplo, examinaram a cobertura televisiva Norte-Americana dos Jogos Paralímpicos de 1996, enquanto Schantz e Gilbert (2001) analisaram a cobertura da imprensa escrita Francesa e Alemã, enfatizando a terminologia utilizada, os estereótipos presentes e os temas mais frequentes. Mais recentemente, Thomas e Smith (2003) exploraram a cobertura da imprensa escrita Britânica das Paralimpíadas de 2000 em Sydney, focando particularmente na terminologia utilizada para descrever os atletas com deficiência, e a

linguagem e imagens usadas para retratar as performances. É de se notar, que os resultados desses estudos apontam, em graus diferentes, para questões semelhantes. Todos os estudos mencionados revelaram que a mídia (tanto audiovisual, quanto escrita) tende a descrever as performances dos atletas com deficiência retratando-os como “vítimas” ou pessoas “corajosas” que “superaram” o próprio “sofrimento” para participar em um evento esportivo, um super-herói. Este estereótipo deixa a impressão de que a pessoa com deficiência para se ajustar terá de fazer algo extraordinário ou realizar um esforço heróico para compensar a sua limitação (SCHELL e DUNCAN, 1999). Tendo em conta que, de acordo com Helal, Cabo e Marques (2009, p. 34) “(...) a cobertura midiática no Brasil referente aos atletas, geralmente, sublinha-se o êxito por meio de atributos como “genialidade”, “irreverência” e/ou “malandragem”, e que suas vitórias são retratadas focando “(...) o “esforço”, a “disciplina”, a “repetição”, as “dificuldades”, o “suor” para se chegar à vitória” (idem, p. 35), percebemos que, ao contrário, os paratletas são heróis mesmo sem vencer, pois são considerados sobreviventes (GONÇALVES, ALBINA e VAZ, 2009; SILVA e HOWE, 2012).

Temos neste estudo com objetivo analisar e ampliar as discussões sobre construção da imagem do atleta paralímpico pela imprensa brasileira. Discussão que torna-se fundamental no contexto atual em que a questão da representação das diferenças, e a (des)construção de estereótipos, torna-se relevante, considerando não só o avanço tecnológico (RESENDE, 2007), como também os debates acerca da valorização das diferenças e a inclusão social das minorias. Nesse sentido, nosso estudo visa problematizar a produção dos discursos jornalísticos e sua recepção por parte dos atletas, com o objetivo de tentar compreender de que forma é construída a representação do atleta com deficiência pela mídia, levando-se em consideração o contexto histórico-social, e de que forma esta representação é recebida, entendida e interpretada pelos representados.

2. Justificativa

Tendo em vista que a análise da construção da imagem dos atletas paralímpicos na mídia perpassou por nossa pesquisa até o presente momento, e que as questões do esporte e sociedade sempre estiveram no foco de nossa atenção, o momento para dar

seguimento com os estudos neste âmbito é mais do que oportuno. Nosso interesse pelas questões que envolvem esporte, representação e cultura data da época da graduação, surgindo agora uma nova oportunidade: a proposta de investigar a construção da imagem do atleta paralímpico pela imprensa nacional e sua recepção pelos atletas, tendo a possibilidade de encerrar um estudo que data já do Mestrado.

Acreditamos que nosso trabalho poderá ser uma contribuição para o Grupo de Pesquisa Esporte e Cultura, coordenado pelo professor Dr. Ronaldo Helal, sendo este um dos grandes estudiosos do esporte justificando nossa escolha para orientação.

Para além disso, os estudos que unem as áreas do jornalismo e deficiência são raros, mas também variados ou por focarem apenas um meio de comunicação, ou apenas uma parte do processo de produção de notícias, ou apenas um tipo de deficiência em particular.

3. Tema e Objetivos

Este estudo visa analisar a construção da figura do atleta paralímpico na mídia e sua recepção por parte da sociedade. Dessa forma estabelecemos como objetivo geral compreender de que forma é construída a representação social do atleta paralímpico pela imprensa, levando-se em consideração o contexto histórico-social desta comunidade, e de que forma esta representação é recebida, entendida e interpretada pelos próprios atletas representados.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- Analisar o discurso impresso a fim de perceber de que forma o sujeito emissor (o jornalista) influencia na construção do evento, e na forma com que o atleta com deficiência é retratado, focando os temas mais tratados, as terminologias utilizadas e os estereótipos presentes;
- Analisar a recepção destas notícias pelos atletas representados, visando perceber se o enquadramento midiático vai ao encontro, ou de encontro, às expectativas do próprio representado. Neste ponto visamos colocar em contato real e representação do real, analisando as reações dos atletas, principalmente, com relação aos estereótipos presentes ou ausentes nos meios de comunicação selecionados para análise.

4. Fundamentação teórica

O desenvolvimento das atitudes perante as pessoas com deficiência atravessou diversos períodos remetendo-nos a diferentes perspectivas em relação a este grupo. Conforme entramos no terceiro milênio, as preocupações acerca das dimensões social e política da deficiência intensificaram-se consideravelmente. E a exclusão das pessoas com deficiência da vida econômica e social tornou-se objeto de protestos e mobilizações (BARNES, MERCER e SHAKESPEARE, 1999). E este novo foco sobre as questões da deficiência também fez com que houvesse um crescimento do chamado Disability Studies, e o amadurecimento da literatura sobre vários aspectos da deficiência, sendo este um fenômeno global. E com este crescimento vimos o florescer de teorias e modelos nos quais a deficiência começava a ser enquadrada. Atualmente dois modelos predominam – o modelo médico e o modelo social –, através dos quais organizações, instituições e investigadores tentam conceitualizar a pessoa com deficiência e a deficiência em si. Estas abordagens sugerem, contudo, que não há uma sociologia da deficiência unificada, mas sim sociologias da deficiência.

No modelo médico, também conhecido como individual ou tradicional, a deficiência é vista como um problema que precisa ser tratado. Através deste modelo busca-se que as pessoas com deficiência sejam, ou voltem a ser, funcionais para que assim possam ser integradas à sociedade (KAMA, 2004). Este modelo trabalha a partir de uma perspectiva biológica e vê as limitações individuais como a principal causa das múltiplas dificuldades experienciadas pelas pessoas com deficiência (BARNES et al, 1999). Também adota as definições e percepções nas quais a deficiência é tida como uma incapacidade de um indivíduo e que resulta na perda ou limitação de uma função (THOMAS e SMITH, 2009).

No modelo social a pessoa com deficiência é construída por mecanismos de repressão cultural e institucional que policiam o corpo e o fabrico de um mundo inacessível. Esta abordagem foca um conjunto de causas estabelecidas externamente, ou seja, os obstáculos impostos às pessoas com deficiência que limitam suas oportunidades de participar na sociedade (BARNES et al, 1999). Para além disso, o modelo social considera uma vasta gama de fatores e condições sociais, tais como as circunstâncias

familiares, suporte financeiro, educação, mercado de trabalho, habitação, transporte e o ambiente físico, entre outros. Estas duas vertentes já esboçaram tentativas de diálogo, no entanto, elas não se envolvem, apenas coexistem (THOMAS, 2004).

Do ponto de vista da moral moderna, podemos dizer que houve avanços na maneira como a sociedade encarou e manejou a questão da deficiência (AMARAL, 1994). Na Antiguidade o “problema” da deficiência não existia, pois as crianças com deficiência eram abandonadas e em sua grande maioria acabavam morrendo. Na Idade Média o extermínio destes indivíduos tornou-se uma prática inaceitável, mas ainda no século XV elas são vistas com improdutivas, ou seja, um peso para a sociedade. Nos séculos XVII e XVIII as atitudes vão desde a institucionalização em hospícios até o ensino especial, e no século XIX a responsabilidade pública acerca do tema começa a se desenvolver. Já no século XX a discussão torna-se mais ampla e as pessoas com deficiência começam a conquistar seus direitos.

Este tipo de evolução também pode ser percebido nos meios de comunicação. Até a década de 70, a ênfase que se dava quando a questão da deficiência vinha à baila nos meios de comunicação era quanto à cura ou em campanhas de caridade; na ficção a pessoa com deficiência era utilizada para dar maior dramaticidade ao enredo. Nos anos 80 o filme *Amargo Regresso*, com Jon Voight e Jane Fonda foi um marco na abordagem da questão, mostrando a pessoa com deficiência como um ser tão humano como qualquer outro (MERKX, 2007). Depois desta experiência, a pessoa com deficiência passou a ser representada pelo personagem bom e “santo”, ou seja, recebeu outro estereótipo, o de super-herói.

Este estereótipo de super-herói deixa a impressão de que a pessoa com deficiência deve fazer algo extraordinário ou ter um esforço heróico para compensar a sua limitação, e para se ajustar (SCHELL e DUNCAN, 1999). O modelo do super-herói reforça as baixas expectativas da sociedade acerca das pessoas com deficiência (HARDIN e HARDIN, 2004), e enfatiza o esforço individual dessas pessoas para se adaptarem, como se ter uma deficiência fosse culpa das mesmas (SCHANTZ e GILBERT, 2001). E, de acordo com os estudos levados à cabo por Gonçalves et al (2009), a tragédia é um elemento constante nas reportagens que tratam dos atletas paralímpicos para estabelecer a construção da identidade do herói que sofre mas superar as dificuldades e vence.

A idéia (sic) da superação é constantemente atrelada à imagem do paratleta. Resultante de um discurso romântico, que enfatiza as tragédias da vida dessas pessoas, tal ideário exalta repetidamente o sofrimento como forma de ascese. Um discurso que tem algo de similar àquele referente aos atletas convencionais (...) (idem, p. 163).

Pode-se dizer que a narrativa em torno dos atletas de elite sempre vem inflada por tons elogiosos que auxiliam na construção dos heróis esportivos como forma de manter o ethos emocional da competição (CASHMORE, 2010). Esta estratégia explica, ao menos em parte, a recorrência do estereótipo do super-herói relacionado ao atleta paralímpico. Se no esporte em geral o rótulo de herói só é atribuído a alguns raros atletas talentosos, no esporte paralímpico o super-herói é utilizado indiscriminadamente (HOWE, 2008; PEERS, 2009).

Para Kama (2004) o super-herói aplica-se tanto para pessoas com deficiência que cumprem tarefas comuns do dia-a-dia quando para pessoas que se destacam. Berger (2008) relaciona este estereótipo àqueles indivíduos cujas histórias de vida provam que nada é impossível, que pode-se desafiar as probabilidades. Hardin e Hardin (2004) argumentam que a pessoa com deficiência é apresentada como herói em virtude de sua própria habilidade em realizar atividades normalmente consideradas impossíveis para pessoas com deficiência ou por viverem uma vida "normal". Silva e Howe (2012) concluem que para ser considerado herói o indivíduo deve lutar com sua deficiência a fim de superá-la e atingir o sucesso.

Acreditamos que o importante é, também, questionar até que ponto esta ideia de heroísmo associada ao atleta paralímpico é positiva. Expressões como Paralimpíadas: onde os heróis vêm, título do livro de Steadward e Peterson, 1997 (Paralympics: Where Heroes Come), ou termos como super-atleta podem ser prejudiciais (SILVA e HOWE; 2012). Além disso, em muitos casos, a fronteira entre a apreciação pelo sucesso desses atletas e a construção do estereótipo é difícil de definir. Nem todas as histórias de sucesso são estereotipadas. O que, então, distingue histórias positivas e edificantes das narrativas estereotipadas? Essa distinção deve ser analisada através da observação do contexto histórico e cultural, os meios de comunicação, o tipo de discurso e vários outros elementos que pretendemos abordar em nossa análise.

5. Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos neste estudo escolhemos dois métodos: análise de enquadramentos, que será realizada através de análise de conteúdo, e entrevista semi-estruturada a fim de conduzir o estudo da recepção.

A escolha da análise de conteúdo se justifica por nossa experiência com tal método já utilizado no nível de Mestrado, e pelo fato de que a análise de conteúdo é predominantemente útil em estudos no âmbito dos meios de comunicação social, e por isso apropriado para auxiliar nas exigências do mesmo.

Com efeito, a análise de conteúdo não é uma técnica que se limita a uma simples descrição (VALA, 1986), mas tem como objetivo a interpretação das mensagens (BARDIN, 1977). Este método é considerado confiável e/ou objetivo porque permite que diferentes pesquisadores, aplicando as mesmas categorias à mesma amostra, possam chegar aos mesmos resultados (FONSECA Jr., 2006).

A escolha e seleção dos documentos a serem analisados, recaíram sobre a mídia impressa pelo fato de ser de mais fácil manuseio e arquivamento. No documento escrito a informação é mais pormenorizada e cuidada. Neste sentido, selecionaremos uma gama de jornais impressos que possuam conjugação de múltiplos critérios, principalmente a circulação e o grau de reputação junto às audiências.

Quanto ao período de análise, elegemos os Jogos Paralímpicos como momento de análise por sua grandiosidade; é o segundo maior evento desportivo do mundo em número de participantes e provas, e importância social. Dessa forma, nos é mais conveniente encontrar informações sobre os atletas com deficiência neste período, pelo que efetuaremos a análise dos Jogos mais recentes, ou seja, as Paralimpíadas 2012.

Adicionalmente, "(...) a leitura ou recepção não é um momento isolado do processo comunicativo, mas integra a dinâmica da rede" (STRELOW, 2007, p. 73). Aliada aos estudos do texto, a investigação nessa linha permite a melhor compreensão do processo comunicacional nos veículos a serem analisados, e da construção e recepção das representações dos atletas paraolímpicos pelos próprios.

6. Referências Bibliográficas

ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, v.6, n.17, p.111-125, jul./dez. 2001.

AMARAL, Lígia Assumpção. **Pensar a diferença/deficiência**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.

BARNES, C., MERCER G., e SHAKESPEARE, T. **Exploring Disability: A Sociological Introduction**. Cambridge: Polity Press, 1999.

BERGER, R. J. Disability and the dedicated wheelchair athlete: Beyond the "supercrip" critique. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 37, n. 6, p. 647-678, 2008.

BRITTAIN, Ian. Perceptions of disability and their impact upon involvement in sport for people with disabilities at all levels. **Journal of Sports & Social Issues**, v. 28, p. 429-452, 2004

CASHMORE, E. **Making sense of sports**. London: Routledge, 2010.

DE PAUW, K., GRAVRON, S. **Disability Sport** (2º ed.). Champaign: Human Kinectics, 2005.

FONSECA JR., W. C. Análise de Conteúdo. In Duarte. J. e Barros, A. (Org.), **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

GONÇALVES, G. C.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O Herói Esportivo Deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: Giovani De Lorenzi Pires (Org.), **Observando o Pan RIO/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009, 224p.

HARDIN, Brent; HARDIN, Marie. Conformity and conflict: Wheelchair athletes discuss sport media. 2004. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 20, 246-259, 2003.

HARDIN, Marie; HARDIN, Brent. The Supercrip in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony's disabled hero. **Sosol**, 7. 2004. Disponível em: <http://physed.otago.ac.nz/sosol/v7il/v7il.html>

HARGREAVES, J. **Sporting females: Critical issues in the history and sociology of women's sports**. London: Routledge, 1994.

HELAL, R.; CABO, A.; MARQUES, R. G. Idolatria nos Jogos Pan-Americanos de 2007: uma análise do jornalismo esportivo. **Contemporânea** v. 7, n. 3, 2009.

HOWE, P. . **The cultural politics of the Paralympic movement**. London: Routledge, 2008

HOWE, P. D.; JONES, C. Classification of disabled athletes: (dis)empowering the Paralympic practice community. **Sociology of Sport Journal**, 23(1), 29-46, 2006.

KAMA, A. Supercrip versus the pitiful handicapped: reception of disabling images by disabled audience members. **Communications**, 29, p. 447-466, 2004.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MERKX, Ângela da Costa Cruz Loures. **Mídia e Deficiência: Educação para a cidadania**. 1998. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/1998/gt13/GT1314.PDF>>. Acesso em: 20 mar. 2007.

PEERS, D. (Dis)empowering Paralympic histories: Absent athletes and disabling discourses. **Disability & Society**, 24(5), 653-665, 2009.

PEREIRA, O. **Representações Sociais dos Atletas Paralímpicos nos Media Impressos Portugueses**: Estudo efectuado em dois Jornais Diários Generalistas e dois Jornais Diários Desportivos. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto) Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto.

RESENDE, Fernando. O discurso jornalístico contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 14, p. 81-93, dez. 2007

SCHANTZ, O.; GILBERT, K. An Ideal Misconstrued: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. **Sociology of Sport Journal**, 18, p. 69-9, 2001.

SHELL, L.; DUNCAN, M. A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 16, p. 27-47, 1999.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. **Journal of Sport and Social Issues**. vol. 36 no. 2 p. 174-194, Maio 2012.

STEADWARD, R. D., & PETERSON, C. J. **Paralympics: Where heroes come**. Edmonton, Alberta, Canada: One Shot Holdings, 1997.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ): uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso**. 369f. Dissertação (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2007.

THOMAS, C. How is disability understood? An examination of sociological approaches. **Disability & Society**, v. 19, n. 6, p. 569-583, 2004.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the 2002 Manchester Commonwealth Games: an exploratory analysis of British newspaper coverage. **Sport Education and Society**, 10, p. 49-67, 2003.

THOMAS, N., e SMITH, A. **Disability, Sport and Society – An Introduction**. Nova York: Routledge, 2009.

VALA, J. A análise de conteúdo. In A. S. e J. Pinto (Ed.). **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto: Edições Apontamento, 1986.